

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 39 No. 3 Setembro - Dezembro 2026

RESENHA

ENGENHOS E ESCRAVIDÃO EM MATO GROSSO: UMA ARQUEOLOGIA DAS IDENTIDADES

Marianne Sallum*, Rosinalda Olaséni Corrêa da Silva Simoni**

RESUMO

Esta é uma resenha sobre o livro *Engenhos e escravidão em Mato Grosso: uma arqueologia das identidades*, uma versão revisada da tese de doutorado defendida em 2006 por Luís Cláudio Symanski. Trata-se de uma década de pesquisas arqueológicas e documentais sobre a dinâmica escravista e a vida das pessoas em situação de escravidão na Chapada dos Guimarães, no Brasil Central dos séculos XVIII e XIX. Tendo como principais contextos engenhos de cana-de-açúcar, foram investigados espaços nos quais vidas cotidianas se constituíram e estratégias de produção social e cultural se desenvolveram. Um dos aspectos mais importantes do estudo é revelar a heterogeneidade das senzalas e das relações que atravessavam esses espaços, reunindo pessoas de diferentes regiões, línguas e identidades. Ao articular materialidades e fontes escritas, Symanski acompanha relações entre proprietários rurais, trabalhadores livres e pessoas escravizadas, marcadas por conflitos, negociações e diferenciações sociais que tornam obsoletas as interpretações baseadas apenas na dicotomia colonizador/colonizado. Documentos que registram identidades de pessoas provenientes de Benguela, Congo, Mina e Angola foram utilizados na análise de uma das maiores coleções arqueológicas de cerâmicas com diferentes padrões decorativos, produzidas entre o século XVIII e a primeira metade do XIX, com o objetivo de identificar elementos marcadores associados àquelas regiões. A pesquisa evidencia, assim, diferentes identidades transatlânticas e experiências diaspóricas, questionando a imagem da senzala como espaço social e culturalmente homogêneo.

Palavras-chave: Arqueologia do colonialismo; Arqueologia da Diáspora Africana; Cultura material.

* Professora na Universidade Federal de São Paulo, Unifesp Guarulhos – EFLCH, Laboratório de Estudos Arqueológicos (LEA), Pós-Graduação em História, Equipe ARGPEL. Projeto JP FAPESP (2024/04746-1). E-mail: marianne.sallum@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9210-2044>.

** Quilombola. Diretora fundadora da Tekohá Pesquisas Patrimoniais. Pós-Doutoranda - Universidade Federal de São Paulo, Unifesp Guarulhos – EFLCH, Laboratório de Estudos Arqueológicos (LEA), Pós-Graduação em História, Equipe ARGPEL. E-mail: rosinegra@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5373-613X>.

SUGAR PLANTATIONS AND SLAVERY IN MATO GROSSO: AN ARCHAEOLOGY OF IDENTITIES

ABSTRACT

This is a review of the book *Sugar Plantations and Slavery in Mato Grosso: An Archaeology of Identities*, a revised version of Luís Cláudio Symanski's doctoral dissertation, defended in 2006. The book draws on a decade of archaeological and documentary research on the dynamics of slavery and the lives of people living under enslavement in Chapada dos Guimarães, Central Brazil, during the eighteenth and nineteenth centuries. Focusing primarily on sugar plantations, the research investigated spaces where everyday lives took shape and strategies of social and cultural production developed. One of the most significant aspects of the study is its demonstration of the heterogeneity of the slave quarters and the relationships that ran through these spaces, bringing together people from different regions, languages, and identities. By articulating materialities and written sources, Symanski traces relationships among rural landowners, free workers, and enslaved people, marked by conflicts, negotiations, and social distinctions that render interpretations based solely on the colonizer/colonized dichotomy obsolete. Documents recording the identities of people from Benguela, Congo, Mina, and Angola were used in the analysis of one of the largest archaeological collections of ceramics with different decorative patterns, produced between the eighteenth century and the first half of the nineteenth century, with the aim of identifying markers associated with those regions. The research thus reveals diverse transatlantic identities and diasporic experiences, challenging the image of the slave quarters as a socially and culturally homogeneous space.

Keywords: Archaeology of colonialism; Archaeology of the African Diaspora; Material culture.

INGENIOS Y ESCLAVITUD EN MATO GROSSO: UNA ARQUEOLOGÍA DE LAS IDENTIDADES

RESUMEN

Esta es una reseña del libro *Engenhos e escravidão em Mato Grosso: uma arqueologia das identidades* (“Ingenios y esclavitud en Mato Grosso: una arqueología de las identidades”), una versión revisada de la tesis doctoral de Luís Cláudio Symanski defendida en 2006. El libro reúne una década de investigaciones arqueológicas y documentales sobre la dinámica esclavista y la vida de las personas en situación de esclavitud en Chapada dos Guimarães, en el Brasil Central de los siglos XVIII y XIX. Tomando como principales contextos los ingenios de caña de azúcar, se investigaron espacios donde se construyeron vidas cotidianas y se desarrollaron estrategias de producción social y cultural. Uno de los aspectos más relevantes del estudio es revelar la heterogeneidad de las *senzalas* y de las relaciones que atravesaban estos espacios, que reunieron a personas de diferentes regiones, lenguas e identidades. Al articular materialidades y fuentes escritas, Symanski analiza las relaciones entre propietarios rurales, trabajadores libres y personas esclavizadas, marcadas por conflictos, negociaciones y diferenciaciones sociales que vuelven obsoletas las interpretaciones basadas únicamente en la dicotomía colonizador/colonizado. Documentos que registran las identidades de personas procedentes de Benguela, Congo, Mina y Angola se utilizaron en el análisis de una de las mayores colecciones arqueológicas de cerámicas con diferentes patrones decorativos, producidas entre el siglo XVIII y la primera mitad del XIX, con el objetivo de identificar elementos marcadores asociados a aquellas regiones. Esta investigación evidencia diferentes identidades transatlánticas y experiencias diaspóricas y cuestiona la imagen de la *senzala* como un espacio social y culturalmente homogéneo.

Palabras clave: Arqueología del colonialismo; Arqueología de la Diáspora Africana; Cultura material.

SYMANSKI, Luís. *Engenhos e escravidão em Mato Grosso: uma arqueologia das identidades*. Belo Horizonte: Caravana, 2024. 265 p. (Coleção Pensar História). ISBN 978-65-5061-831-5.

Este livro é a versão atualizada e revisada da tese de doutorado defendida em 2006, marcada por reflexões sobre a dinâmica escravagista e a vida das pessoas escravizadas, a materialidade e as redes de relações na Chapada dos Guimarães, no Brasil Central dos séculos XVIII e XIX. Os contextos da pesquisa foram engenhos de cana-de-açúcar, “cenários nos quais a população escravizada teceu sua vida cotidiana e desenvolveu estratégias próprias de produção social e cultural” (Symanski, 2024, p. 23), uma das conclusões que resultaram de quase uma década de pesquisa arqueológica e documental.

Symanski (2024, p. 25) destaca que em uma primeira fase havia a “heterogeneidade dos grupos escravizados e nos modos como a cultura material pode ter sido ativamente empregada... para manifestar tais diferenças”, abordagem rara na arqueologia afro-americana produzida no Brasil. Faz emergir, assim, a multiplicidade de relações sociais entre proprietários rurais, trabalhadores livres e escravizados, marcadas por interações, conflitos, negociações e diferenciações sociais que questionam as classificações simplistas e a dicotomia colonizador/colonizado. O estudo mostra que as senzalas não eram socialmente uniformes, mas espaços com pessoas de várias regiões, línguas e identidades. A investigação reconstruiu a história dos engenhos com materialidades e fontes escritas, procurando perceber as diferentes identidades transatlânticas e experiências diaspóricas, contestando a ideia da senzala homogênea quando encontrou documentos que identificaram pessoas de Benguela, Congo, Mina e Angola, e seus correlatos na maior variabilidade das decorações cerâmicas no século XVIII e a primeira metade do século XIX.

A materialidade e os contextos surgem como elementos essenciais na organização e na disputa dos espaços dos engenhos, distribuídos sob dois aspectos centrais: 1) da lógica senhorial de manutenção da hierarquia, “da ordem e do controle”; e 2) das práticas dos sujeitos escravizados, que se apropriaram simbolicamente desses bens e lugares, tensionando os sentidos impostos pelo sistema escravista. Eram, então, ambientes sem neutralidade nas estratégias de poder e dominação, acirradas com o declínio da mineração aurífera no fim do século XVIII.

Foi a transição para um modelo ainda mais severo, com a elite local investindo nas plantations de cana-de-açúcar para o mercado interno. As novas estruturas arquitetônicas hierarquizaram ainda mais as relações entre espaços como casa de vivenda, casa de engenho, senzalas e habitações de trabalhadores livres, observados da casa do proprietário, tornando-se um centro de vigilância posicionado para supervisionar a dinâmica do cotidiano. Ao mobilizar as teorias de Lefebvre (1991) e DeCerteau (1984), o autor demonstrou que se o engenho era o “lugar” ordenado pelas estratégias senhoriais, ele também podia ser transformado em “espaço de resistência” com táticas das pessoas escravizadas.

Isto é, aqueles engenhos foram permanentemente contestados por “dentro”, com discursos, experiências e agências diversas que resultam na heterogeneidade das interações sociais “entre africanos e afrodescendentes, ameríndios e euro-americanos” (Symanski, 2024, p. 34). A pesquisa chama a atenção para abordagens capazes de perceber variadas identidades Negras na materialidade afrodiaspórica e na documentação histórica, sem apagar as relações hierárquicas do sistema escravista, dialogando com as novidades publicadas por pesquisadoras e pesquisadores Negros ao redor do mundo.

Outro aspecto relevante é a análise da utilização da cerâmica como meio de expressão de diferenças e/ou afinidades identitárias vinculadas a ancestralidades

variadas. Algumas vasilhas e fragmentos apresentam decorações que são “marcadores de identidade” da África Central, semelhantes a representações de escarificações e cosmologias Ovimbundu, permitindo considerar que não eram apenas artefatos utilitários, mas materializações de memórias, vínculos e contracolônialidades. Essa perspectiva pode dialogar com o conceito de “encantamento” no sentido amplo dado por Simoni (2024), entendendo-o como uma política dos sentidos fundada em filosofias Africanas da integralidade e da vida como ciclo: ancestralidade, continuidade e recriação. Assim, os círculos quadripartidos identificados por Symanski como cosmogramas do tronco Banto ganham relevância por representar a circularidade da existência e a conexão entre os mundos dos vivos e dos mortos.

É desnaturalizada a presença Africana em Chapada dos Guimarães, mostrando que esta não foi rápida, linear ou passiva. Ao contrário, foi um processo lento, segmentado e historicamente complexo, com a substituição gradual da população Africana pela população nascida no Brasil ao longo do século XIX, que não apagou as marcas materiais, simbólicas e cosmológicas das experiências ancestrais. Contudo, o registro arqueológico mostra como a substituição impactou a materialidade, reduzindo as suas diferenças ao longo do século XIX. Portanto, a redução das “cerâmicas decoradas ocorre, portanto, simultaneamente à substituição da população africana pela crioula, em sua quase totalidade nascida nos próprios engenhos da região”, um processo que “tendeu a dissipar as diferenças culturais entre os escravizados, à medida que aqueles nascidos na região, embora não constituíssem um grupo coeso, tenderam a compartilhar, desde o nascimento, condições de existência bastante similares” (Symanski, 2024, p. 166).

É a oportunidade de a Arqueologia Histórica mostrar que materialidades não são apenas repositórios de informações antigas. Ao contrário, livros como este que resenhamos funcionam como arquivos vivos de memória, resistência e pertencimento, indo além da dimensão acadêmica, por caminhos que reconhecem que materialidades, registros escritos, línguas e memórias podem, e devem, ter igual valor. São fontes essenciais para compreender o passado e apoiar a resistência contemporânea em oposição à desigualdade e ao racismo, garantindo o direito “de ser e existir” em sua plenitude, marcada pela ancestralidade em territórios Quilombolas, rurais e urbanos e pela permanência dos referenciais Africanos por mais tempo do que se supunha. Portanto, a arqueologia é uma experiência que pode acionar o passado para dar sentido às lutas do presente, considerando que a ancestralidade está em lugares, objetos, práticas e memórias.

Por exemplo, Symanski (2024) descreve a descoberta de “cachês” rituais, encontrados em depósitos compostos por cristais de quartzo, moedas e cachimbos, enterrados sob o piso da casa-grande do Engenho Rio da Casca. Em vez da interpretação meramente funcional ou decorativa, os “cachês” são compreendidos como evidências de táticas de resistência e de subversão simbólica de um espaço até então entendido apenas como senhorial. A casa-grande, nesse caso, deixa de ser vista exclusivamente como lugar do poder escravista e passa a ser interpretada também como espaço atravessado por práticas Africanas de proteção, força e enfrentamento, similar aos *minkisi*, práticas rituais da África Centro-Occidental, especialmente de falantes da língua banto, como Bakongo, Mbundu e Ovimbundu. São objetos recipientes de força habitados por entidades, ativados por especialistas em rituais, os *ngangas*, que sugerem uma ocupação simbólica e espiritual que confronta o poder senhorial em seu próprio espaço. Assim, pode ser revelado que os “silêncios” arqueológicos não significam “ausência de saber”, mas expressam atitude crítica frente às colonialidades que permanecem vigentes até hoje.

O respeito a esses sagrados e aos “seres encantados” que protegem os lugares, como Orixas, Nkisi e até o Caipora, mencionados também em outras experiências de arqueologia de base

comunitária, aproxima a obra daquilo que Lima (2019) define como “Arqueologia Sensível”, e Supernant *et al.* (2020), como “Arqueologias do Coração”. São práticas eticamente comprometidas, que reconhecem e incorporam as dimensões afetivas, subjetivas, relacionais e espirituais envolvidas na produção do conhecimento arqueológico. De forma similar, Symanski (2024) amplia o campo interpretativo da arqueologia, recusando a mera ilustração da história oficial e questionando a ideia da senzala homogênea, revelando cenários marcados por diversidade étnica, cultural e cosmológica.

Por isso, *Engenhos e Escravidão em Mato Grosso: uma arqueologia das identidades* merece ser lido e debatido na academia e, sobretudo, precisa ser inserido nas redes de divulgação para todos os públicos. Consideramos que o livro vai além de evidenciar a presença de Africanos, Africanas e Descendentes na formação histórica regional. Ele contribui para compreender que as lutas e reivindicações Quilombolas por território, memória e reconhecimento são continuidades desde o passado. É a sugestão de que a destruição dos sítios arqueológicos em que viveram pessoas Africanas e suas descendências podem ser compreendidas como uma forma de epistemicídio. Uma circunstância em que a arqueologia deve assumir um papel que ultrapassa a definição convencional de ciência, constituindo-se como ferramenta de reencontro com a ancestralidade Africana e Afrodiaspórica, afirmando direitos no presente. A relevância da obra está justamente em evidenciar que essas identidades não desapareceram diante da violência colonial e escravista; ao contrário, persistem nos gestos cotidianos, na espiritualidade e nas memórias.

REFERÊNCIAS

- DECERTEAU, Michel. *The practice of everyday life*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- LEFEBVRE, Henri. *The production of space*. Oxford: Blackwell, 1991.
- LIMA, Helena Pinto. Patrimônio para quem? Por uma arqueologia sensível. *Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, v. 17, n. 1, p. 25-38, 2019.
- SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. Os quilombos na diáspora e o papel da Arqueologia: lutas históricas e desafios, uma escrita na primeira pessoa. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 2, p. 30-43, 2024.
- SYMANSKI, Luís. *Engenhos e escravidão em Mato Grosso: uma arqueologia das identidades*. Belo Horizonte: Caravana, 2024. (Coleção Pensar História).
- SUPERNANT, Kisha *et al.* (orgs.). *Archaeologies of the heart*. Cham: Springer International, 2020.